

A cultura do traje militar: uma reflexão sobre a roupa feminina no Brasil hoje

The culture of the military dress: a reflection on women's clothing in Brazil today

Carvalho, Ana Paula Lima; Mestre em Design PUC-RJ;
Docente Senai/Cetiqt aplcarvalho@gmail.com

Resumo

Este artigo mostra algumas implicações entre a cultura do traje militar e as mudanças no traje feminino no período entre guerras. A mudança no comportamento feminino devido às conquistas de emancipação financeira e de mercado de trabalho possibilitou visitas femininas ao guarda-roupa masculino, como expressão cultural de uma época. As permanências se refletem no traje feminino, hoje, quando refletimos sobre o passado para compor o cenário da moda brasileira atual.

Palavras chave: Cultura brasileira; Moda feminina; militar.

Abstract:

This article shows some implications of the culture of the military uniform and the changes in female dress in the interwar period. The change in female behavior because of the achievements of financial emancipation and labor market enabled women's visits to the male wardrobe, as a cultural expression of an era. The stays are reflected in female dress today, when we reflect on the past to make up the Brazilian fashion scene today.

Keywords: Brazilian Culture, Women's Fashion, Military.

O ponto de partida deste artigo foi especificamente desvendar o percurso das mudanças do universo feminino expressas no traje como revelação da moda brasileira. Os eixos que acompanham este trabalho foram as permanências e as mudanças que delimitam o movimento da história da moda, no sentido de sinalizar as peculiaridades presentes no cenário brasileiro.

A partir do estudo da indumentária do século XX, foi possível reconhecer a importância das alterações no vestuário feminino tanto no entre guerras como

a partir de 1947 (New look Dior), caracterizando o que foi posteriormente a silhueta tradicional da década de 1950. A questão que se coloca neste trabalho é: ao mesmo tempo em que a mulher se emancipa e conquista o mercado de trabalho desvenda novas possibilidades no traje, e, por outro lado, havia a busca constante pela feminilidade, a volta das mulheres para o lar, a associação do feminino com a boa aparência e a vida doméstica, ambos refletiram o contexto social e político da época.

Com base na historiadora Mary Del PRIORE e no designer João BRAGA, entre outros apresentados na referência foi possível tecer a nossa proposta teórico-metodológica, que consiste em passear tanto pela história da moda, como no design, e na medida do possível estabelecer relações acerca da mudança de comportamento feminino, portanto aspecto cultural influenciando na mudança não só do traje, mas de valores constitutivos na moda brasileira.

Intencionamos compor uma possível definição da indumentária feminina, com ênfase na silhueta construída no período do entre guerras até os anos de 1950, em que a mulher brasileira, sobretudo do eixo Rio de Janeiro e São Paulo identificou-se, ora com a moda francesa, ora com a moda referente à mulher americana da década de 1950. Duas crônicas foram retiradas da revista *Vida Doméstica*, que circulou no Rio de Janeiro e fez parte do universo feminino, foram utilizadas para ratificar quem eram essas mulheres que conquistaram o mercado de trabalho, mas primavam pela feminilidade. Quais as referências presentes no campo do design de moda em que a mulher brasileira atual remete ao imaginário social constituído nos anos destacados, a priori pela influência da mulher americana?

Após essas indagações, partimos para a pesquisa imagética, porém só foram selecionadas duas imagens, cujo objetivo era de permitir mais um objeto de análise, na medida em que apresentou referências que expressam mudança tanto no comportamento, no design do traje, quanto na moda. Os costureiros que trouxeram a mudança na criação em design de moda como Poiret e Chanel transcenderam a inovação no design de moda, e viabilizaram a

mudança cultural no universo feminino expresso na moda, contemplando a mulher tanto no passado quanto nos dias atuais.

Com base em dois temas geradores de mudança referente ao comportamento da mulher destacamos a emancipação feminina no entre guerras e na medida do possível trouxe à tona mudanças na moda, que repercutiu na sociedade brasileira. O estudo destes conceitos permitiu uma constatação de que a mulher conquistou para assegurar seu reconhecimento, bem como as transformações ocorridas no traje feminino que passou ao longo das décadas destacadas. O recorte temporal foi importante para o desenvolvimento deste artigo, pois permitiu avaliar a mudança existente entre a mulher “prendas do lar” para a mulher inserida no mercado de trabalho, ainda que em funções ora masculinizadas, como em fábricas de armamento bélico ora como secretárias, entre outras profissões mais destinadas ao gênero feminino.

Tanto para Mary Del PRIORE (1997) quanto para João BRAGA (2007) a inclusão da mulher no âmbito profissional foi ao mesmo tempo uma conquista e um desafio, pois a construção de uma identidade feminina foi tecida com uma concepção masculina, isto é mais do que sua própria percepção de condição social, individual, sexual e dos novos postos a que estava conquistando devido a reposição de mão de obra para o universo fabril belicista.

Para BRAGA, uma mudança sensível foi a visitação da mulher ao guarda-roupa masculino a partir do período compreendido de 1912 até 1918. A inserção da mulher no mercado de trabalho foi resultado da escassez temporária dos homens por estarem na guerra. Até então o mercado de trabalho feminino estava mais vinculado à ocupação nos setores fabril, têxtil, saúde, agrícola e industrial, inclusive bélico. Além destes, o universo feminino ocupava as profissões já conquistadas desde o final do século XIX como costureiras, muitas vezes se estendendo a casa para completar o orçamento familiar, como também na fabricação de chapéus ou diretamente em confecções com alfaiates. Portanto, assegurando o continuísmo de suas atribuições domésticas.

Uma expressão concreta de mudança no traje feminino, e por conseguinte de comportamento foi a partir do final da Primeira Guerra Mundial (1814- 1918) a moda feminina alterou-se, por exemplo: a retirada do espartilho pelo costureiro (hoje denomina-se mais como estilista) Paul Poiret (1879-1944), uma vez que esta estrutura tolhia os movimentos, o encurtamento até a canela das saias e dos vestidos, assim permitindo maior facilidade de movimentação e de deslocamento da casa para o trabalho, ou até mesmo para pegar uma condução como o bonde. A respeito disso, CHARLES- ROUX (2007, p. 146) apresenta tanto Poiret quanto Coco Chanel (1883- 1971) como referências no campo da moda que propiciaram mudanças de comportamento para a moda feminina, na medida em que o primeiro libertou a forma corpórea feminina, enquanto a segunda encurtou o comprimento permitindo que os tornozelos caíssem aos olhares masculinos no espaço público, como também facilitasse a movimentação da mulher nos seus percursos diários. Na verdade podemos afirmar que

Poiret havia criado uma moda fluida, sem o estrangulamento da cintura. Chanel fez mais: impôs uma cintura levemente marcada. Poiret deixava ver o pé. Gabrielle Chanel subiu mais a saia, descobrindo amplamente o tornozelo (...) ao mudar tudo isso, Chanel transforma para sempre o espetáculo da rua (CHARLES- ROUX, 2007, p.146).

Neste contexto, a mulher caminhava para a sua independência, ainda que restrita no sentido financeiro e matrimonial em relação à imagem constituída do gênero masculino, como sinônimo de dominação e de imposição de valores na sociedade em questão. Assim sendo, a mulher se expôs as atividades laborais, porém associada as práticas de esportes e aos ambientes de lazer constituídos como, por exemplo, ao cinema, aos teatros, óperas, piqueniques, bailes, a dança, entre outros. Conforme aponta PRIORE “A sociedade modernizava-se em todos os sentidos” (1997, p.584), pois as mudanças de hábitos permitiram que a elite dominante da época frequentasse mais o espaço público em detrimento do privado, pois se antes a instituição religiosa- igreja era o elemento agregador de valores tanto morais quanto de socialização, a partir de então as novas formas de entrosamento social se davam com as novas possibilidades entorno da modernização das cidades com

“o teatro e a ópera tornaram-se os principais pontos de encontro, seguidos pelas confeitarias, restaurantes e cafés-concerto” (1997, p.587). Desse modo, as mudanças de comportamento devido ao *frenesi* urbano oriundas da modernização das cidades foram refletidas na moda feminina, pois o encurtamento das saias e dos vestidos (Figura 1) representaram uma nova função a mulher, que multiplicava seus papéis na sociedade capitalista ao ser simultaneamente objeto de desejo do seu marido, rainha do lar, profissional fora da casa para enfrentar as demandas de seus respectivos papéis na sociedade.



Figura 1:
Mulher com saia calça tanto usada nas práticas esportivas como nas atividades diárias no período entre guerras.

O reflexo destas mudanças socioculturais incidiu nas alterações da roupa se adaptando as novas necessidades provenientes da emancipação feminina. Na verdade, “não se trata apenas de uma rápida tomada de consciência quanto às qualidades da eficácia feminina em todas as indústrias que trabalhavam para o exército”. (CHARLES- ROUX, 2007, p. 133). É uma possibilidade de acesso irrestrito ao mundo do trabalho, uma vez que este era pertencente ao universo masculino, no sentido de ser aquele que mantém em constante processo produtivo as instituições familiares e do trabalho, de forma a preservar incessantemente uma sociedade engendrada para atendê-los, entretanto a presença feminina a partir do período entre guerras só viabilizou cada vez mais a inserção desta em numerosas profissões antes destinadas somente ao masculino.

Como destaca PRIORE (1997) a preocupação do universo masculino na época pesquisada era muito mais relacionada aos pares mercado de trabalho e a moralidade social do que a inserção da mulher no setor profissional propriamente dito. O temor masculino era de perder o controle da situação enquanto aquele que detinha o poder da esfera privada, pois na esfera pública já não havia mais espaço para tanto controle. Ainda que a mulher temporariamente permanecesse em casa, com os afazeres domésticos, o pouco período destinado ao mundo do trabalho ou do estudo era considerado como um possível comprometimento na educação dos filhos, bem como na estrutura familiar.

Ainda PRIORE apresenta que na busca de reconhecimento profissional feminino nos setores fabris brasileiros, não houve uma substituição de mão de obras masculina por feminina, mas ao contrário, as mulheres foram

progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que avançavam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina. As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem [...] elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens- como naturalmente masculinos” (1997, p.588).

As mulheres dos segmentos sociais pertencentes às classes média e alta devido ao novo mundo citadino em contínua modernização foram deixando de lado as roupas mais sóbrias referentes a um período mais vinculado ao recato e sisudez para se vestirem conforme os ditames da moda francesa. Era comum que costureiras, como as francesas que residiam no Brasil, sobretudo no eixo Rio de Janeiro e São Paulo começaram a elaborar peças do traje feminino para compor uma nova imagem de mulher que primava cada vez mais pela magreza, agilidade dos movimentos corporais, contraditória entre a agressividade e a independência se for comparada com as melindrosas e as atrizes norte-americanas daquela época. Moutinho corrobora com esta assertiva quando menciona que

a moda andrógena dos anos 20 que fazia a mulher mais parecida com o homem, também é adotada, e seus símbolos são o corpo sem volumes, os cabelos curtíssimos à *la garçonne* e o chapéu *cloche*

bem enterrado. Mas a sensualidade da mulher não desapareceu...
(2000, p. 97)

Neste contexto a mulher brasileira independentemente do estrato social que a se insere vivenciou uma luta constante para abrir brechas na esfera pública, numa tentativa de conquistar direitos referentes à condição de mulher, uma vez que a cidadania só foi conquistada em 1934 e de fato, em 1945 no período getulista. Se trouxermos para os dias atuais é possível estabelecer uma ponte entre as conquistas do passado com o reconhecimento efetivo da mulher não só no mercado de trabalho, mas da sua presença significativa nas diversas esferas de poder atribuídos aos homens.

Sem dúvida a década de 1930 foi um período marcado por mudanças de toda ordem, desde a produção de novos materiais, novas necessidades de uma sociedade cada vez mais consumista, assim inovação e criação tornaram-se fatores determinantes para um novo cotidiano que se fazia edificar-se. Conforme aponta Moutinho que, as classes bastardas daquela época ignoravam a crise econômica que assolava a Europa, pois continuavam a manter seu status com requinte e *glamour*, isto é o primeiro assegurado por exemplo com peças de vestuário caras, como casacos de pele e o segundo com a influência da moda ditada pelo cinema hollywoodiano, como também das atrizes de teatro em que o uso de vestidos longos com a valorização das costas através dos profundos decotes, que mostravam cada vez mais a silhueta feminina (2000, pp.102- 114).

Esta mudança no traje feminino também respingou na alta sociedade brasileira, sobretudo no eixo Rio de Janeiro e São Paulo quando a cronista Zenaide Andréa, em Muito em Moda divulgou A Imperial Simões & Alijó com a seguinte propaganda: “Apresenta sempre no Rio, em primeiro lugar, as maravilhosas criações de moda nos “ateliers” de Nova York e de Hollywood, situada na Gonçalves dias, 56” (Vida Doméstica, nº 355, outubro de 1947).

Ressaltamos que tanto na época pesquisada quanto nos dias atuais percebemos o quanto a moda está associada a novidade e ao desejo, como no exemplo acima a propaganda incentiva a busca pela reprodução da cultura norte-americana através da criação de moda. Em contrapartida, a necessidade

e a função do traje se perpetua, não somente enquanto invólucro do corpo, mas das funções ampliadas a partir da construção de uma nova mulher no período entre guerras aos dias atuais.

Assim sendo falar de moda brasileira na época destacada para este estudo requer uma compreensão que o eixo de referência internacional era Rio de Janeiro e São Paulo, pois não havia integração devido as particularidades expressas na cultura local, que ao nosso ver atenuou nos dias atuais em função do fenômeno da globalização. Para entendermos a dinâmica da moda brasileira na atualidade requer uma mudança de valores provenientes da tensão do processo histórico, no movimento que se reatualiza a moda na sociedade brasileira com o uso de novas técnicas e linguagens, como o cinema (do passado ao presente), a televisão e o computador, que invadem o cotidiano, assim possibilitando cada vez mais uma moda globalizada.

O contexto histórico que se iniciou esta demanda de construção de uma moda brasileira, ainda que de forma tímida graças à aceleração da indústria têxtil foi na era Vargas (1930- 1945 e 1950- 1954). O momento partiu da necessidade de implementação da indústria têxtil preocupada com o desenvolvimento de tecidos nacionais, porém sem atermos para o lançamento dos modelos com base nos tecidos fabricados no Brasil. Conforme aponta o texto de Mário Guido, diretor artístico e criador de moda da crônica “O Modelo Vivo”

antes de criar um modelo, é preciso que diga às minhas leitoras, estudo primeiro as possibilidades do tecido, a sua flexibilidade, a sua côr, os desenhos, o peso, a maciez. Só então traço o esboço. O resultado é prático não só para o fabricante, como para o lojista e para a compradora. Com este sistema a indústria têxtil encontra um meio seguro de lançar as suas novidades para a estação (Vida Doméstica, nº373, abril de 1949).

O limite estava associado aos resultados alcançados na elaboração de um modelo de moda, que não necessariamente representava a moda brasileira, mas a valorização da indústria de tecidos nacionais independentemente da apropriação dos modelos oferecidos pelas revistas e catálogos estrangeiros de moda da época estudada. Atualmente esbarramos nas incertezas do quem por certo, é dono no fortalecimento de uma moda

brasileira, que atenda cada vez mais as diversas mulheres que compõem o cenário da moda brasileira.

Os novos padrões de consumo compreendido no período de

1930 até o início dos anos de 80 e, mas aceleradamente, nos trinta anos que vão de 1950 ao final de 1970, tínhamos sido capazes de construir uma economia moderna, incorporando os padrões de produção e de consumo próprios aos países desenvolvidos (MELLO e NOVAIS, 1998, p. 562).

Dessa forma as indústrias tradicionais presentes no Brasil como de alimentos, têxtil, de confecções, de calçados, como também de produtos de beleza alcançaram um patamar elevado proveniente da demanda existente de uma sociedade cada vez mais modernizada no modelo norte-americano - *American way of life*. Conforme descrevem MELLO e NOVAIS “dispúnhamos de todas as maravilhas eletrodomésticas: o ferro elétrico, que substitui o ferro a carvão; o fogão a gás de botijão, que veio tomar o lugar do fogão elétrico, na casa dos ricos” (1998, pp 563-564). Os historiadores citados exemplificam uma série de produtos inventados para atender as novas necessidades da sociedade capitalista em expansão. A moda também sofreu estas mudanças não só na cadeia têxtil (novos materiais sintéticos, tecnologia aplicada em maquinários complexos, entre outros fatores que agregaram mudança no desenvolvimento da indústria têxtil), mas na produção do vestuário que passou por uma revolução no sentido de democratização da moda com o estabelecimento do *prêt-à-porter* no Brasil. Este deve ser “compreendido enquanto roupa de luxo feita em série de algumas centenas de unidades para cada modelo e tamanho, uma vez que esta produção é desfilada duas vezes ao ano” (CARVALHO, 2009, p.4).

Assim o sistema da moda é revitalizado através da sazonalidade, que hoje em dia é discutido este ciclo devido o apelo incessante à novidade tanto para os consumidores, como a ser apresentadas nas vitrines das grandes marcas e das lojas de departamento na atualidade sem perder de vista o processo de determinação e de planejamento da cartela de cores, da diversidade de texturas, até do processo criativo concebido pelo designer de

moda ao desenvolver uma determinada coleção, no estudo em questão é a revisitação à moda militarizada que se faz presente.

A influência do guarda-roupa masculino proveniente do período entre guerras e do pós Segunda Guerra mantêm-se presente enquanto objeto de estudo na história da moda. Assim, tanto nos editoriais e nas passarelas internacionais e brasileiras, verificamos a permanência do estilo de roupa masculina no vestuário feminino, sob o olhar e para o consumo da mulher contemporânea globalizada, que parece não ter mais espaço para a distinção rígida de roupa para ficar em casa e o próprio traje de sair. Portanto, a relação entre o privado e o público, isto é, entre o traje destinado aos afazeres domésticos e aquele destinado às saídas de casa, que antes eram apenas para visitar amigos ou parentes, ou simplesmente às idas as missas dominicais representaram o espaço da aprovação social. Já para os segmentos mais privilegiados economicamente, que tinham acesso às festas entre outros entretenimentos com maior visibilidade e apresentação do quê estava na moda, seja nos catálogos, nas revistas ou em todos os meios de comunicação existentes na época estudada, o espaço público era mais visitado.

Conclusões preliminares

Hoje as marcas renomadas cujo tema foi militarismo, como comprovamos ao pesquisar sites relacionados à moda, deparamos com uma repaginação cheia de elementos da moda da época pesquisada, como os casacos de ombros quadrados e destacados com corte masculino, adaptações do estilo de farda tanto nas formas quanto nas cores, assim como a utilização do verde oliva, do bege, do cáqui e do azul marinho que permeiam os dias atuais ou ainda tonalidades que remetem ao militarismo (Figura 2).



Figura 2
Coleção Inverno 2011 Mochino com revisitação ao período da Segunda Guerra Mundial
Fonte: Style.com, 2011

Na atualidade a moda militarizada tende a ser menos cópia da época pesquisada, mas mantém o funcional devido à confecção de bolsos apresentados em diversas modelagens, como também preservam formatos diferenciados. Ainda é possível identificar a presença da Moda militar nos acabamentos (abotoamentos duplos, lapela, insígnias das forças armadas bordadas em casacos, entre outros), nos aviamentos (botões dourados e dragonas, ombreiras, etc.) e nos acessórios (sobretudo nos quepes, uso de bolsas carteiro de tecido, calçados em estilo coturno ou até mesmo botas de montaria, além é claro de óculos de aviador).

Enfim esperamos que este artigo seja um ponto de partida para os estudiosos da história da moda, sobretudo no Brasil, à medida em que se constitua como uma possibilidade de resgatar a memória de uma época predominantemente militarizada expressa na moda, para atender as novas realidades do guarda-roupa feminino, que, ao mesmo tempo que revisita o passado, inova através da busca constante pela novidade no mercado e das mudanças de comportamento que se fizeram presentes ao longo da moda.

Este artigo é parte do estudo da linha de pesquisa *Moda, Memória e cultura*, que estamos desenvolvendo no SENAI Cetiqt, cujo objetivo é viabilizar o resgate da memória da cultura brasileira na moda, contribuindo para a

história da moda brasileira, com ênfase no Design e suas implicações no âmbito do comportamento e do consumo.

Referências

ANDRÉA, Zenaide. Muito em Moda O Rio sorri. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 373, p. 67, abr. 1947.

BRAGA, João. **A História da Moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CALLAN, Georgina O`Hallan. **A enciclopedia da moda**, de 1840 à década de 1990. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Ana Paula Lima. **A moda do prêt à porter dos anos cinqüenta**: Permanências e mudanças culturais. *Vozes em Diálogo*, Rio de Janeiro (3), jan-jun. 2009.

CHARLES- ROUX, Edmonde. **A era Chanel**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DEL PRIORE (org), Mary. **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

GUIDO, Mário. A moda, o tecido e o modelo... **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 373, p. 49, abr. 1949.

LAVÉ, James. **A roupa e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MELLO, João Manuel Cardoso e NOVAIS, Fernando **A. (Coord.) Capitalismo tardio e sociabilidade moderna** in *História da vida privada no Brasil; contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENAC, DN. **A Moda no século XX**. Maria Rita Moutinho; Máslova Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.

STYLE. COM. Coleção inverno 2011 Mochino. In 2011. Disponível em:
<<http://www.style.com/fashionshows/review/2012RST-ROW-MOSHINO>>.

Acesso em: 25 jun 2011.